

Actas
do
1.º Encontro Internacional
de
Linguística Cognitiva
(Porto, 29/30•5•98)

Mário Vilela / Fátima Silva (orgs.)

Título: Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva
(Porto, 29 e 30•5•98)

Organizadores Mário Vilela/Fátima Silva

Editor: Faculdade de Letras do Porto

Execução gráfica: Tipografia Nunes, Lda

Tiragem: 1.000 Ex.

Depósito legal: 142821/99

O texto corresponde à seguinte citação
Teixeira, José (1999). "Modelos Cognitivos e Orientação
Intrínseca dos Objectos" in VILELA, Mário e SILVA, Fátima
(Orgs.), *Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística
Cognitiva*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto,
Porto, pp. 269-287.

Modelos cognitivos e orientação intrínseca dos objectos

José Teixeira
ILCH-U. Minho

1. Objectos e orientação

Não será por acaso que na Semântica Cognitiva a referencialidade espacial ocupa o lugar que ocupa. Dizer que “significar é referir” e que “referir é localizar” pode ser um pouco abusivo, mas, na essência, tem muito de constante e de verdadeiro.

A aquisição da auto-consciência na criança coincide com a aquisição da sua situacionalidade espacial: o reconhecer-se um ser distinto dos outros implica o reconhecimento do “seu” espaço. Não é, com certeza, por acaso que em muitas línguas não há diferença entre *ser* e *estar*.

Ora na aquisição dos processos de referencialidade espacial não está em jogo apenas a dimensionalidade daquilo que habitualmente entendemos por “espaço”: é que, talvez por ser tão evidente, esquecemo-nos, por vezes, que o “primeiro espaço” a considerar, cognitiva e linguisticamente, não é o espaço em que **está** o objecto, mas o espaço que **é** o objecto. Por outras palavras, a dimensionalidade configurativa das próprias coisas espacialmente a situar.

Ora é esta a primeira etapa (não cronológica, mas nocionalmente) em que actuam os nossos mecanismos linguístico-cognitivos: como **encarar** os objectos? E aqui este verbo, *encarar*, pode e deve ser tomado não apenas no seu sentido nocional-avaliativo, mas igualmente no seu sentido primeiro, físico-cognitivo: *encarar* é “olhar para a cara”, ou seja, descobrir “a cara” de um objecto. É que atribuir uma “cara” a um objecto é igual a configurá-lo na sua própria espacialidade, já que é atribuir-lhe uma *frente*.

Há, portanto, objectos a que atribuímos uma “cara” ou *frente*, o que automaticamente implica a atribuição de todos os eixos da horizontalidade: *frente/trás* — *lado esquerdo/lado direito*.

Estes objectos (e entendemos aqui por “objecto” toda e qualquer realidade, animada ou não) são, assim, dotados de uma orientação própria e, em princípio, constante: designam-se por “**objectos intrinsecamente orientados**”.

2. Orientação e acessibilidade

A atribuição desta orientação intrínseca a algumas realidades é feita em função das relações que estas mantêm com os seres humanos. À primeira vista, pode parecer que o único (ou pelo menos determinante) factor que leva a atribuir uma orientação intrínseca a uma dada realidade é a sua semelhança com o ser humano. Ora isto só acontece em relação aos outros animais. E mesmo nestes, para a atribuição do eixo da frontalidade (*frente/trás*) não conta apenas a maior ou menor semelhança icónica com o ser humano. O movimento, por exemplo, também é um factor a considerar.

Com todos os outros objectos não animados, não é a semelhança maior ou menor que mantêm com o corpo humano que vai ser a responsável pela respectiva orientação intrínseca, mas antes a interface funcional que interage com o mesmo ser humano.

Ora como esta interacção pode ser multimodal, resulta diversificada e por vezes complexa a atribuição e funcionamento da orientação intrínseca dos objectos.

Um tipo de objectos que possui variadas, e por isso interessantes, formas de orientação intrínseca é o mobiliário. Bierwisch¹ e Violi (1991:93) falam da “posição usual” de um determinado móvel como aspecto configurador da respectiva orientação.

Parece-me ser demasiado genérico e não fornecer uma explicação satisfatória. Até porque, por vezes, é difícil saber qual é a “posição usual” ou se apenas existe uma.

Penso que se pode antes justificar a orientação intrínseca deste género de objectos pela sua funcionalidade na vertente **lado mais acessível/ utilizado**.

Uma cómoda é um móvel bem prototípico onde se nota uma configuração perfeitamente antropomorfizada. Só tem um lado que permite a utilização, que é, obviamente a *frente*. Todas as outras vertentes decorrem naturalmente desta última:

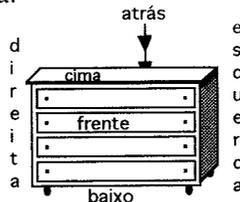


Figura 1

1 BIERWISCH, M., 1967, “Some semantic universals of German adjectivals”, in *Foundation of Language* 3.

Para se confirmar como é a maior ou menor acessibilidade que orienta intrinsecamente este tipo de objectos, repare-se o que se passa, por exemplo, com uma mesa de refeições. Se ela estiver colocada no meio da cozinha, com gente de todos os lados, por exemplo, não há *frente* nem *trás*. Mas, se no fim da refeição, se encosta a mesa à parede, já passa a haver.

E note-se que o que passa a configurar esta oposição *frente/ atrás* não é a acessibilidade, mas a inacessibilidade; dito de outro modo: não é a partir da noção de *frente* que se configura a de *trás*, mas o inverso.

A prova temo-la se, por exemplo, nos servirmos de uma mesa quadrada que depois de encostada à parede fica mais acessível pelos lados do que pela frente (numa cozinha muito estreita, por exemplo):

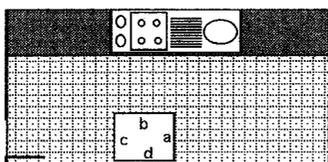


Figura 2

Mesmo assim, a *frente* (b) continua a ser a parte que se opõe a *trás* (d), e não qualquer dos lados (a,c) ainda que mais acessíveis, como mostra o esquema/planta. Note-se que o lado c fica a ser o mais acessível, até porque fica junto da porta. Não passa, no entanto, a ser a *frente*, que, neste caso, é o segundo lado menos acessível.

Quando o móvel pode ter dois lados “funcionais”, os critérios de funcionalidade e acessibilidade não podem só por si fazer a orientação, já que há dois lados que têm a mesma funcionalidade. Acontece, por exemplo, em bancos do género do que aparece na figura seguinte, constituídos por grandes blocos de pedra destinados a servirem de assento de ambos os lados e, portanto, não possuindo costas. Não podem ter *frente/trás*, o que implica a ausência de *esquerdaladireita*.



Figura 3

No entanto, há objectos que detêm uma funcionalidade dupla, mas qualitativamente diferente (ao contrário da do banco de pedra). É o caso das secretárias, dos balcões de atendimento ou outros móveis do género. Aqui, já se atribui a configuração *atrás/ à frente*. E ao contrário do que diz o critério de Bierwisch, antes referido, não se pode dizer que seja a “posição usual” a determinar a *frente*, já que a posição usual será a interface funcionário/ secretária ou funcionário/balcão. Ora essa interface marca o *atrás*. Dizemos, numa situação canónica

Os funcionários estão atrás das secretárias.
As empregadas estão atrás do balcão.

e não

?Os funcionários estão à frente das secretárias.
?As empregadas estão à frente do balcão.

Neste caso, à noção genérica de funcionalidade, ter-se-á que acrescentar a de *finalidade*: A *frente* é o lado onde se exerce a finalidade do objecto — aqui, o atendimento de pessoas.

No entanto, a mesma secretária, numa sala de estudo ou escritório particular, continua com a mesma configuração *frente/trás*:

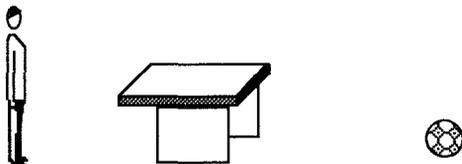


Figura 4

A bola está à **frente** da secretária.

Se a mesma secretária, porém, tiver uma parede na frente, como a da figura, já é possível dizer

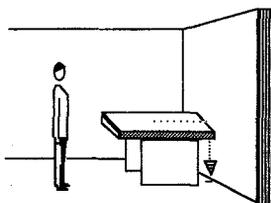


Figura 5

Caiu uma caneta **atrás** da secretária.

É que agora perspectiva-se como pouco acessível aquele lado da secretária e, por conseguinte, esse lado passa a ser *atrás*.

3. Orientação e modelos configurativos

Parece, assim, não se poder ser tão taxativo como faz Violi afirmar que a orientação intrínseca é independente do contexto e da posição dos sujeitos que interagem com o objecto intrinsecamente orientado:

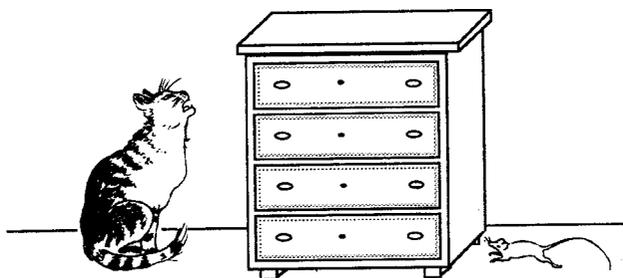
Ora per tutti questi oggetti si può parlare di un orientamento intrinseco, in quanto indipendente sia dal contesto che dalla loro posizione relativa rispetto al soggetto nel momento dell'enunciazione. (Violi 1991:93)

É que todos estes processos funcionais comprovam que, embora os objectos possam ser intrinsecamente orientados, eles podem não possuir uma orientação definitiva. O que verdadeiramente os configura em definitivo é o modelo mental no qual nós os perspectivamos numa determinada configuração. A sua orientação intrínseca pode mudar em virtude de se alterarem também os factores que lhes fornecem essa mesma orientação intrínseca: a visibilidade, a acessibilidade, a funcionalidade, etc.

Por outro lado, os próprios modelos diversos da espacialidade (concretamente do eixo *frente/atrás*) podem interferir com a orientação intrínseca de um objecto.

Para se perceber até que ponto isso pode acontecer, repare-se nos resultados do seguinte inquérito:²

Complete a frase que descreve a figura:



O rato escondeu-se do gato _____ do móvel.

Figura 6

2 Feito em 1998 aos alunos da cadeira de Introdução aos Estudos Linguísticos que possuíam o português como única língua materna.

Ninguém questiona o facto de um móvel como este ser intrinsecamente orientado, com as facetas *frente*, *atrás*, *cima*, *baixo*, *lado*, perfeita e inequivocamente atribuídas. Apenas a distinção *lado esquerdo/ direito* não é constante. Se se considerar o móvel como um objecto intrinsecamente orientado e totalmente antropomorfizado, então o lado direito do móvel é o que está próximo do gato. Dizemos, nesta perspectiva, por exemplo

A perna direita da frente do móvel está mal colada.

Mas se, apesar de intrinsecamente orientado, o móvel for perspectivado funcionalmente, então o lado direito é o oposto. Por exemplo, se cada gaveta tivesse dois puxadores, o *do lado direito* seria o que seria puxado pela nossa mão direita, situando-se, por conseguinte, no lado esquerdo do móvel enquanto totalmente antropomorfizado. Da mesma forma seria interpretada a frase

As meias estão à direita na primeira gaveta.

Este *lado direito* do móvel em que as meias estariam seria o lado direito de quem estivesse voltado de frente para o móvel, e não o do móvel se antropomorfizado.

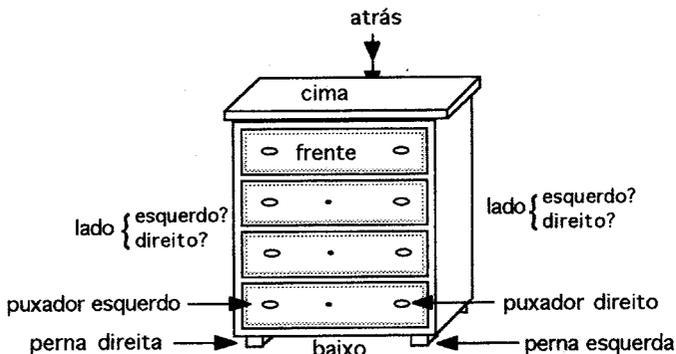


Figura 7

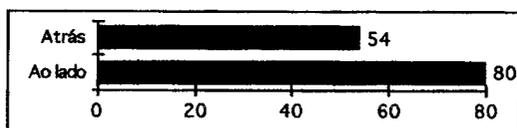
Em síntese: se cada lado pode ser perspectivado sob duas formas diferentes, a atribuição de *frente/trás* e respectiva diferenciação com *lado* permanece invariável.

À primeira vista isto parece ter que ser sempre assim. Mas não é. Vejam-se os resultados do inquérito:

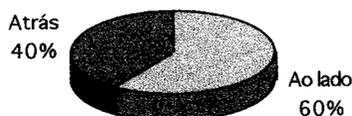
Gato-móvel-rato	Resp.
Ao lado ³	80
Atrás (por trás, detrás) ⁴	54
Anulados	9

As respostas anuladas foram as que demonstraram que a posição relativa dos elementos da figura não tinha sido percebida. Por exemplo, em respostas que indicavam a posição do rato como estando dentro de uma gaveta ou debaixo do móvel.

Tirando as anuladas, em frequência relativa:



Em percentagem:



A conclusão mais saliente, mas talvez não inesperada de todo, é que numa grande parte dos inquéritos (40%) a orientação intrínseca do objecto foi completamente anulada: aquilo que era *lado* passou a ser *atrás*, o que implica que as outras vertentes ficaram invalidadas, já que não é admissível aceitar que o habitual *atrás* do móvel o continuou a ser ficando este com duas faces de *trás*.

3 Sendo uma resposta “do lado esquerdo” e outra “à direita”

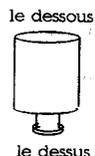
4 Sendo uma resposta “atrás do lado direito”

4. A fixação de uma orientação intrínseca

Por tudo isto, se não se quiser negar, tem que se entender de uma forma muito maleável o “princípio de fixação” postulado por Vandeloise (aliás, o único princípio que postula sobre orientação intrínseca dos objectos). Segundo Vandeloise, as coordenadas dos objectos intrinsecamente orientados são constantes. São auto-configurações intrínsecas aos próprios objectos e independentes da situação em que o objecto aparece:

PRINCIPE DE FIXATION: Un objet peut être qualifié par rapport à sa position usuelle, même si sa position diffère au moment de l'énonciation.

[...] C'est le cas de la
bouteille selon l'axe vertical
(Vandeloise 1986:50)



Violi (1991:93), citando este exemplo de Vandeloise concorda:

Continuaremo a usare in modo immutato i termini per designare il sopra e il sotto di una bottiglia anche se questa viene rovesciata.

Teoricamente e em abstracto, isto pode ser verdade. *O lado de cima e o lado de baixo* podem ser assim designados, porque, como é evidente e também o afirma Vandeloise, eu **refiro-me** à posição habitual da garrafa. Mas o que o princípio de **fixação** diz não é isto: antes afirma que esta referencialidade espacial se **fixa** aos objectos, passa a fazer parte integrante da sua referencialidade espacial “même si sa position diffère au moment de l'énonciation” como é dito.

Como não há nada como o saber de experiência feito, testei uma situação concreta com falantes nativos do francês, que perante uma garrafa mais prototípica que a de Vandeloise, tiveram dificuldade em descrever a situação e em aceitar qualquer das frases como adequada:

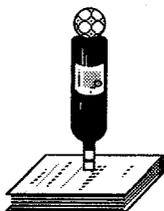


Figura 8

- ?Le ballon est sur le dessus de la bouteille.
- ?Le ballon est sur le dessous de la bouteille.
- ?Le livre est sous le dessous de la bouteille.
- ?Le livre est sous le dessus de la bouteille.

No entanto, o facto de, para a mesma situação, serem adequadas frases como

Le dessus de la bouteille est posé sur le livre.

Le dessous de la bouteille supporte le ballon.

permite-nos concluir que a orientação intrínseca continua a funcionar, mas apenas se a ela nos referirmos prioritária e focalmente. Ou seja, a referencialidade tem que ser directa (focal) para ser entendida como referencialidade à posição canónica. Caso isso não aconteça, caso o modelo espacial que retrata a situação focalize anteriormente uma outra espacialidade, então não é aceitável inserir uma espacialidade oposta de um objecto intrinsecamente orientado. É o que acontece na situação há pouco exemplificada.

Em português, podemos confirmar os traços gerais de idêntico funcionamento, embora a correspondência palavra a palavra seja diferente:

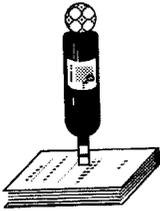


Figura 9

A bola está em cima da garrafa.

?A bola está em cima da parte de baixo da garrafa.

A parte de baixo da garrafa suporta a bola.

A parte de baixo da garrafa tem a bola em cima.

O livro está debaixo da garrafa.

?O livro está debaixo da parte de cima da garrafa

A parte de cima da garrafa tem o livro debaixo dela.

Como se comprova, as frases

?A bola está em cima da parte de baixo da garrafa.

?O livro está debaixo da parte de cima da garrafa

difficilmente se utilizam para representar a situação em questão porque apresentam incompatibilidades de referencialidade espacial, na medida em que a posição canónica invertida (da garrafa), quando não focalmente referida, entra em contradição com a espacialidade já manipulada no início da descodificação (*em cima/debaixo*).

Mas para termos a prova cabal que o princípio de fixação não é absoluto, mas que depende dos (re)arranjos constantes do modelo em que entra, comparemos a orientação intrínseca dos objectos com a lexicalização (quando a houver) das partes intrinsecamente orientadas.

Segundo o princípio de fixação, a orientação intrínseca é algo que

fica **para sempre** atribuída à referencialidade linguística do objecto. Como dizem Vandeloise e Violi, o cimo da garrafa é sempre *cimo* em qualquer situação, mesmo quando está invertida. Já vimos que não é bem assim. No entanto, pode argumentar-se que a não aceitabilidade de certas frases, como as que atrás indicámos, pode dever-se não à fuga ao princípio de fixação, mas à dificuldade em manusear modelos mentais em que partes espacialmente opostas coincidam (*livro debaixo do cimo da garrafa*, por exemplo).

Ora este argumento é falso, na medida em que se nós utilizarmos, quando a houver, a lexia correspondente à parte intrinsecamente orientada do objecto, os problemas de não aceitabilidade e de desarranjo do modelo desaparecem. Provemo-lo:



Figura 10

?A bola está em cima da parte de baixo da garrafa.

A bola está em cima do **fundo** garrafa.

?O livro está debaixo da parte de cima da garrafa.

O livro está debaixo do **gargalo** da garrafa.

Como se vê, na garrafa, *parte de cima* é muito menos **fixo** para designar aquela parte da garrafa do que a respectiva lexicalização — *gargalo*. Isto prova, naturalmente, que a fixação não é definitiva, nem é independente do momento da enunciação, como defende o princípio de fixação de Vandeloise. Se assim fosse, teria que haver uma equivalência total de utilização entre orientação intrínseca (*parte de cima*) e lexicalização dessa orientação intrínseca (*gargalo*), o que, como se viu, não acontece.

Uma outra experiência mostra que o princípio de fixação não é absoluto, mas que pode ser “apagado” pela interferência de outras vertentes, como a de, vamos chamar-lhe assim, “mudança de vector”.

Explique-se: como é universalmente reconhecido, são os vectores da frontalidade e da verticalidade os prioritários na estruturação das configurações espaciais. Cada um deles constitui-se numa dimensionalidade autónoma que “desrespeita” as configurações do outro. Assim, a orientação intrínseca de um objecto só funciona **dentro de um determinado vector**, já que quando muda de vector essa orientação desaparece.

Exemplifiquemos com a orientação intrínseca prototípica, a do ser

humano. A *frente* é, naturalmente, a parte que estruturando o eixo da frontalidade fornece o modelo que irá servir para a antropomorfização dos objectos intrinsicamente orientados. No entanto, nem a própria *frente* prototípica do ser humano resiste quando passa para outro vector espacial e perde também ela a sua própria orientação intrínseca.

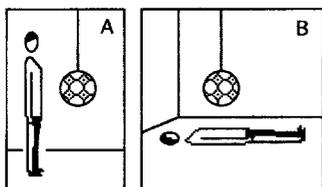


Figura 11

Assim, a frase

A bola está à frente do rapaz.

só é válida para a situação **A** e não para a **B**. No entanto, a posição da bola relativamente à *frente* do rapaz é física e geometricamente a mesma. Só que é vista no vector da verticalidade e não no da frontalidade. E por isso a *frente*, por mais intrinsicamente orientada que seja, “desaparece”. Aquilo que em **A** era *frente* já o não é em **B**. É óbvio, por conseguinte, que o princípio de fixação está longe de ser absoluto.

Cognitivamente compreende-se que quer o princípio de fixação, quer a orientação intrínseca não possam ser “atribuídos” de uma forma definitiva aos objectos. É que estes, fora da situação canónica, interagem com outros em situação canónica. Uma palavra que traduza um objecto intrinsicamente orientado no eixo da verticalidade fora da sua orientação canónica tem dificuldade em entrar numa configuração espacial em que tenha de interagir com outros elementos (verbos, por exemplo) que em princípio pressupõem situações canónicas. O modelo final, por isso mesmo, torna-se confuso. Imaginemos uma garrafa exposta com o gargalo para baixo (para a rolha não secar), como a da figura:



Figura 12

?Uma bolha de ar **subiu, subiu** até à parte de **baixo** da garrafa.
?As borras do vinho foram **descendo** até à parte de **cima**.

É exactamente por isso que embora uma árvore esteja intrinsicamente orientada no eixo da verticalidade, ela perde a sua orientação quando está fora da sua posição canónica. É que numa árvore em posição

canónica, uma pessoa pode **subir** por ela; numa árvore deitada, por exemplo, já não. Por isso é que uma árvore de pé tem altura (*Que árvore tão alta!*), mas deitada tem comprimento (*Está atravessada na estrada uma árvore muito comprida.*)

Tudo isto leva a que, na minha opinião, se deva reformular o *princípio de fixação* de Vandeloise, integrando-o, juntamente com outros, no conceito de orientação intrínseca. Assim, proponho um conjunto de princípios que visam abarcar a atribuição de configurações espaciais aos objectos:

PRINCÍPIO DE ORIENTAÇÃO INTRÍNSECA: Todo o objecto pode adquirir uma orientação intrínseca se lhe for reconhecida uma antropomorfização icónica ou funcional.

Como é fácil de confirmar, a orientação intrínseca dos objectos é gerada pelo reconhecimento de semelhanças relativamente às partes do ser humano que estruturam ou configuram o espaço. Essa antropomorfização pode basear-se em identidades icónicas ou figurativas (*os pés e braços da cadeira*), funcionais (*a frente da secretária*) ou ambas (“directção do movimento” → *frente*).

Contudo, como ainda há pouco vimos na situação da bola e do rapaz, o princípio da orientação intrínseca não pode ser entendido como uma propriedade absoluta, fora de qualquer configuração. Ele apenas é válido dentro de **um** vector da espacialidade, sendo “apagado” caso a faceta intrinsecamente orientada de um objecto intrinsecamente orientado mude de vector. Assim, é necessário ter em conta igualmente o

PRINCÍPIO DA VALIDADE INTRAVECTORIAL: A orientação intrínseca de um objecto é válida apenas para o respectivo vector estruturante da espacialidade em que se insere (verticalidade ou frontalidade).

Dentro desse vector, não é necessário que um objecto se encontre na sua posição habitual para manter a sua orientação intrínseca:

PRINCÍPIO DE FIXAÇÃO: Um objecto pode manter as coordenadas espaciais da sua orientação intrínseca, mesmo que não se encontre na sua posição canónica.

Para confirmar, recorde-se



Figura 13

Le dessus de la bouteille est posé sur le livre.
Le dessous de la bouteille supporte le ballon.
A parte de baixo da garrafa suporta a bola
A parte de cima da garrafa está pousada no livro.

PRINCÍPIO DE COLISÃO: A orientação intrínseca de um objecto fora da sua situação canónica pode colidir com a configuração espacial de outros elementos que co-ocorrem num mesmo modelo de referência:

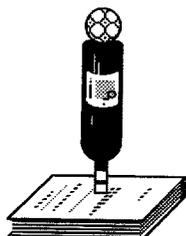


Figura 14

?Le ballon est sur le dessous de la bouteille.
?Le livre est sous le dessus de la bouteille.
?A bola está em cima da parte de baixo da garrafa.
?O livro está debaixo da parte de cima da garrafa.
?Uma bolha de ar **subiu, subiu** até à parte de **baixo** da garrafa.
?As borras do vinho foram **descendo** até à parte de **cima**.

PRINCÍPIO DO APAGAMENTO DA ORIENTAÇÃO INTRÍNSECA:
Se o objecto estiver fora de posição canónica, a sua orientação intrínseca pode ser apagada se não for a sua a configuração focalizada num modelo de referência em que co-ocorra com outras configurações espaciais incompatíveis.

Para confirmar, recorde-se que quando a orientação intrínseca, ainda que numa posição não canónica, é prioritariamente focalizada, ela pode funcionar

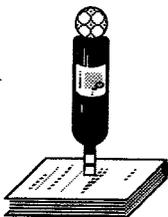


Figura 15

A parte de baixo da garrafa suporta a bola.
A parte de baixo da garrafa tem a bola em cima.
A parte de cima da garrafa está pousada no livro.
A parte de cima da garrafa tem o livro debaixo dela.

Quando a focalização incide sobre uma outra configuração espacial incompatível, ela, a posição canónica, pode ser apagada, e é-o preferencialmente:



Figura 16

A bola está em cima da garrafa.
 O livro está debaixo da garrafa.
 Le ballon est sur le dessus de la bouteille.
 Le livre est sous le dessous de la bouteille.

O apagamento da orientação intrínseca não se dá do mesmo modo em todas as línguas. Na verdade, há modelos de configuração espacial onde a orientação intrínseca dos objectos é mais fixa do que em outros. Ou seja: as línguas podem não configurar, e não configuram, do mesmo modo a orientação intrínseca atribuída aos objectos. Um(a)s lexicalizam a orientação atribuída, tornando-a mais estável e mais fixa; outras, não a lexicalizando, servem-se das coordenadas gerais que permitem atribuir uma orientação:

Le ballon est **en dessous** de la table / **le dessous** de la table.
 A bola está **debaixo** da mesa / *o **debaixo**/ *o **baixo** da mesa.
 Le ballon est **au-dessus** de la table / **le dessus** de la table.
 A bola está **em cima** da mesa / *o **cima** da mesa.

*the top / le dessus / il sopra / *o cima / *o em cima / o lado de cima*



*the bottom / le dessous / il sotto / *o baixo / *o em baixo / o lado de baixo*

Figura 17

Por isso, enquanto o inglês, o francês, o italiano, substantivam por exemplo o eixo da verticalidade, no português não há substantivação, mas tem que se usar uma paráfrase para dizer “*o lado mais próximo do ponto positivamente marcante do eixo da verticalidade*” (=lado de cima) ou, o oposto, “*o lado mais próximo do ponto negativamente marcante do*

eixo da verticalidade” (=lado de baixo). O português, ao não substantivar os termos que configuram o eixo da verticalidade (*o cima/ *o baixo), mas ao utilizar o próprio eixo através de paráfrase (*o lado de cima/o lado de baixo*) focaliza mais o eixo geral em si mesmo do que a parte intrinsecamente orientada do objecto.

Isto leva a que uma orientação intrínseca traduzida numa lexia substantiva, seja isso mesmo, mais substantiva, confira maior independência face ao sistema geral, do que uma orientação intrínseca que se serve dos próprios termos do esquema orientador. E assim, numa orientação como esta, a posição do objecto é mais dependente do esquema geral, canónico, de orientação. Segue-se, portanto, que quando o objecto se encontra em posição não canónica gera mais facilmente incompatibilidades na configuração espacial do que se possuísse uma orientação mais fixa, mais independente relativamente aos termos que designam o modelo canónico.

Por aqui se vê que as verbalizações relativas à configuração espacial dos objectos, podem ser mais ou menos aproximativas ao modelo geral ou, ao inverso, mais ou menos “independentes” através de lexicalizações, autónomas relativamente ao mesmo modelo geral. Poder-se-iam, assim, considerar três principais tipos:

	1- Lexicalização Modelizante	2- Lexicalização Submodelizante	3- Lexicalização Objectual
PORTUG.	<i>em/por/de ...cima</i> <i>em/por/de ...baixo</i>	Ø (*o cima; o lado de cima) Ø(*o baixo; o lado de baixo)	<i>gargalo (da garrafa)</i> <i>fundo (da garrafa)</i>
FRANCÊS	<i>sur</i> <i>sous</i>	<i>le dessus</i> <i>le dessous</i>	<i>col (de la bouteille)</i> <i>fond (de la bouteille)</i>

A lexicalização de tipo 1, **modelizante**, é assim designada porque é ela que demarca, no modelo configurativo, as partes orientadoras de uma configuração espacial.

Na lexicalização de tipo 2, **submodelizante**, já não aparece a indicação do eixo (ou parte dele), mas uma lexia substantivada substitutiva.

Na lexicalização de tipo 3, **objectual**, a lexia designa já não um espaço ou uma orientação espacial, mas o objecto (ou parte) que habitualmente corresponde a determinada posição no espaço.

Através deste esquema, é mais fácil compreender que a orientação intrínseca dos objectos resiste, em situação não canónica, tanto mais ao

princípio do apagamento quanto maior for a sua independência lexical relativamente à lexicalização do próprio modelo. Isto implica que o princípio de apagamento da orientação intrínseca em situação não canónica depende do tipo de lexicalização que o objecto intrinsecamente orientado possui. Pode, assim, complementar-se o princípio do apagamento da orientação intrínseca com o

PRINCÍPIO DE RESISTÊNCIA AO APAGAMENTO DA ORIENTAÇÃO INTRÍNSECA: A resistência da orientação intrínseca, mesmo em situação não canónica, é directamente proporcional ao grau de lexicalização objectual.

Uma nota apenas para dizer que relativamente à lexicalização das configurações espaciais, o quadro apresentado é, naturalmente, esquemático, e por isso necessariamente tão simplificador como cada esquema sempre é. Aqueles três tipos de lexicalização delimitam um *continuum*, de si muito mais complexo. Aquelas delimitações são apenas etapas que se me afiguram nucleares em todo o processo. E a prova que há zonas idiossincráticas dentro de cada segmento, encontramos-la se verificarmos que em português há uma palavra que, à primeira vista, parece corresponder à lexicalização submodelizante da verticalidade. Como já se viu, não podemos substantivar **o cima*, *o (de)baixo* como em francês *le dessus/ le dessous*. Pode parecer, contudo, que *le dessus*, classificado como uma lexicalização submodelizante equivale ao português *o cima*. Nesse caso, o quadro apresentado estaria errado, já que propõe que no português, relativamente a este eixo, não há lexicalizações do tipo 2.

Note-se, no entanto, que em português *o cima* não é o substituto do inexistente **o cima*. Na realidade, *o cima* não equivale a *lado de cima*, mas a “a parte de cima do lado de cima”. Ou seja, *lado de cima* é uma área que juntamente com *lado de baixo* configura a verticalidade, enquanto *o cima* é prototipicamente **o ponto máximo da verticalidade positiva** (entendendo-se “ponto” na perspectiva linguístico-funcional (=área) e não numa perspectiva matemático-geométrica). Por isso mesmo, por não equivaler a um dos eixos da verticalidade, mas apenas a um ponto de um desses eixos, é que não tem par opositivo. Confirme-se:

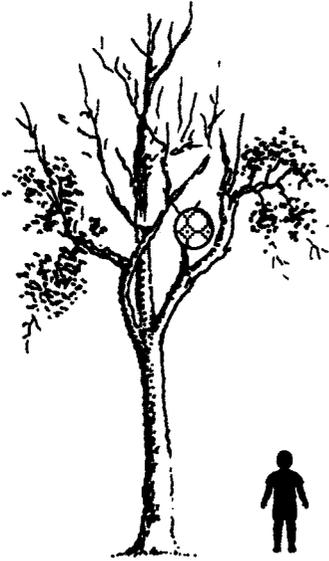


Figura 18

- A bola ficou **em cima** da árvore.
- *A bola ficou **no cimo** da árvore.
- Ainda há folhas **em cima** da árvore, mas já não há **no cimo** da árvore.

Através que ficou dito, gostaria de ter mostrado

- que a orientação intrínseca dos objectos envolve modelos mentais complexos, o que ajudará a explicar o porquê de os modelos da configuração espacial serem os modelos referenciais mais tardiamente dominados pela criança (geralmente apenas a partir dos 4 anos);
- que a orientação intrínseca de um objecto não é absolutamente fixa, podendo mesmo ser anulada em função de outras coordenadas espaciais dos modelos mentais em que ocorre.

A estas conclusões específicas uma, que delas decorre, mais genérica a meu ver se impõe: a absoluta necessidade da análise dos processos cognitivos para a compreensão da referencialidade linguística do espaço.

BIBLIOGRAFIA

BATORÉO, HANNA JAKUBOWICZ, 1996b, *Contribuição para a Caracterização da Interface Expressão Linguística - Cognição Espacial no Português Europeu: Abordagem psicolinguística da expressão do espaço em narrativas provocadas*, Dissertação de Doutoramento, Fac. Letras da U. de Lisboa.

HONDA, Akira, 1994, "From spatial cognition to semantic structure: the role of subjective motion in cognition and language.", *English Linguistics*, 11, 1994, 197-219.

JACKENDOFF, R., 1983, *Semantics and cognition*, MIT Press, Cambridge (Mass.).

JACKENDOFF, R., e LANDAU, Barbara, 1993, "Spacial Language and Spacial Cognition" in JACKENDOFF, R., *Languages of the Mind: essays on mental representation*, A Bradford Book, Massachusetts Institute of Technology.

JACKENDOFF, R., 1996, "The Architecture of the Linguistic-Spacial Interface", in Paul Bloom, Mary A. Peterson, Lynn Nadel, and Merrill F. Garrett (edits.), *Language and Space*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts/ London England.

JOHNSON-LAIRD, Philip N., 1996, "Space to Think", in Paul Bloom, Mary A. Peterson, Lynn Nadel, and Merrill F. Garrett (edits.), *Language and Space*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts/ London England.

JOHNSON, Mark, 1987, *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*, The University of Chicago Press, Chicago.

LEVELT, Willem J. M., 1996, "Perspective Taking and Ellipsis in Spacial Descriptions", in Paul Bloom, Mary A. Peterson, Lynn Nadel, and Merrill F. Garrett (edits.), *Language and Space*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts/ London England.

SIBLOT, P., 1990, "Une linguistique qui n'a plus peur du réel", *Cahiers de praxématique*, n° 15.

SIBLOT, P., 1997, "Langue, praxis et production de sens: Présentation", in *Langages* 127, Set.97, Larousse.

TALMY, L., 1983, "How language structures space", in H. Pick e L. Acredolo (eds.), *Spacial orientation: theory, research, and application*, Plenum Press, Nova Iorque.

VANDELOISE, Claude, 1986, *L'Espace en Français*, Éditions du Seuil, Paris.

VIOLI, Patrizia, 1991, "Linguaggio, percezione, esperienza: il caso della spazialità", in *Versus*, n° 59/60, *Esperienza percettiva e linguaggio*, Bompiani.